

RETRATOS DE UMA TRIBO URBANA

Heloisa Buarque de Almeida

Almerinda Sales Guerreiro: Retratos de uma tribo urbana: Rock brasileiro, São Paulo, outubro de 1991, 182 páginas, dissertação de mestrado defendida no Departamento de Antropologia da USP (mimeo)

No movimento pró-impeachment, a imprensa e a opinião pública voltaram seus olhos para o jovem brasileiro. O país percebeu que o jovem ainda é capaz de fazer política nas ruas, principalmente através de manifestações e passeatas. Foram apelidados de "carapintadas", associados aos "Anos Rebeldes" da Rede Globo e, conseqüentemente, à música de Caetano Veloso que foi tema da minissérie. Se a manifestação fosse nos anos 80, as lojas de disco do centro ainda entoariam um saudoso Geraldo Vandré, mas em 92 elas preferiram um outro hino.

Ainda é preciso caminhar muito em nossas pesquisas para que possamos compreender melhor esses e outros movimentos de juventude. Os artigos de jornal não foram muito convincentes na sua análise, mas ressaltaram a importância do bom-humor e do aspecto festivo dentro das manifestações.

Um dos recentes trabalhos escritos pouco antes dessas manifestações, e que já aponta uma preocupação com temas ligados à juventude, é o de Almerinda Sales Guerreiro sobre os "rockers" brasileiros. Ele certamente será incluído dentro de um grupo de pesquisas voltadas para este universo. Nele veremos dados que fazem referência, mesmo que indiretamente, às manifestações.

O trabalho é dividido em três partes: na primeira, Almerinda faz um apanhado histórico do rock brasileiro; na segunda, uma análise das letras das canções; e na terceira, uma etnografia do "ritual comunitário" que representa um grande show de rock.

Na primeira parte, a autora se propõe a fazer uma retrospectiva do rock no Brasil e nos apresenta com um interessantíssimo

apanhado da música popular e do rock brasileiro no período de 1960 a 1990. Ela consegue localizar o rock dentro de um panorama mais geral, mencionando movimentos como a Jovem Guarda, a Tropicália, os festivais de música, além de influências internacionais como o movimento punk, a música disco, new wave, etc. Num texto direto e objetivo, ela articula uma grande quantidade de dados de forma integrada. Quando o leitor termina esta primeira parte, tem a impressão de ter se encontrado praticamente com tudo o que ele ouviu na música brasileira deste período. E, mais ainda, descobre como alguns destes movimentos se ligaram às questões políticas no âmbito da produção cultural nacional. Nos anos 80, o rock nacional aparece com destaque - junto com um "boom" do mercado fonográfico brasileiro -, saindo da posição periférica que ocupava no cenário musical brasileiro até então. O rock passa a fazer parte da vida nacional, relacionando-se diretamente com movimentos políticos como as "Diretas Já" e saindo do eixo Rio-São Paulo.

A segunda parte seleciona canções consideradas relevantes no período da década de 80, com o objetivo de fazer uma análise do conteúdo das letras. Almerinda seleciona 1100 letras de canções, dentro de 105 LPs, fazendo uma análise de categoria, ou seja, grupos temáticos. Esta parte do trabalho tem o objetivo de delinear um perfil sócio-cultural do grupo chamado "rockers do Brasil", que são jovens que consomem a música rock e que formam um grupo transclasse - ou seja, que atravessa todas as classes sociais. Depois de toda a primeira parte do trabalho, já se pode mesmo falar num grande grupo de jovens,

independentemente de divisões de classe, que pode ser definido pelo consumo de rock. Ela ressalta que este consumo se dá de diversas formas: através de discos, rádios, shows, revistas, filmes, vídeo-clips, etc¹. A análise das canções pretende descortinar o universo cultural do grupo, uma certa especificidade em termos de ethos e de imaginário.

Esta seção de análise das canções desenvolve-se a partir da pressuposição de que os jovens se aproximam desta música porque ela é feita para eles e, portanto, fala de temas com os quais eles se identificam - tocam nos seus desejos, angústias, medos; falam sobre o seu comportamento, sobre a sua maneira de ver o mundo e o que é importante neste mundo, como amor, sexo, amigos, família, etc. Um dado interessante faz referência à forma como os espaços e a cidade aparecem nas letras. As imagens são construídas de forma cinematográfica, como se delineassem os movimentos de câmera ou a montagem de um filme. Aliás, o próprio cinema aparece como uma referência constante nas letras, com títulos de canções como "Cinema mudo" ou "Cena de cinema". Nesta análise, aparecem muitos elementos: sexualidade, política, atração pela vida noturna e pela marginalidade, busca de uma identidade, conflitos, rebeldia, processos de auto-afirmação, o contato com as drogas, o medo da solidão. E mais ainda: a sensação de vazio, o desencantamento com o mundo, a melancolia, o sofrimento, apesar do desenvolvimento de um forte narcisismo, caracterizado pela paixão pela semelhança. A autora resume estas características, na conclusão, com o par antagônico hedonismo X angústia.

Neste momento, sente-se falta de um aprofundamento dessas características, de como elas se relacionam entre si e com o momento do show, na terceira parte. É preciso explicitar certo tipo de articulação entre esses elementos retirados das letras, não que eles estejam racionalmente ou coerentemente articulados, mas porque alguns parecem ser complementares. Certamente a angústia, o

vazio, a melancolia estão relacionados a esta atração pela vida noturna e pelo binômio drogas-marginalidade, como uma busca de algo diferente do cotidiano ligado à família e à escola. É a procura de uma emoção particular. E esta procura leva, muitas vezes, de novo à sensação de vazio, pois não é necessariamente na vivência da noite, das festas, do mundo "low life" que se encontra as respostas para a angústia. Isto me parece bastante claro, por exemplo, na canção "Diversão" dos Titãs, citada em seu trabalho: "A vida até parece uma festa,/ em certas horas isso é o que nos resta./ Não se esquece o preço que ela cobra,/ em certas horas isso é o que nos sobra./ Ficar frágil feito uma criança,/ só por medo ou insegurança./ Ficar bem ou mal acompanhado,/ não importa se der tudo errado./ Às vezes qualquer um faz qualquer coisa/ por sexo, drogas e diversão./ Tudo isso às vezes só aumenta/ a angústia e a insatisfação./ Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool/ atrás de distração./ Nada disso às vezes diminui/ a dor e a solidão./ Tudo isso, às vezes é tudo fútil,/ ficar ébrio atrás de diversão./ Nada disso, às vezes nada importa,/ ficar sóbrio não é a solução./ Diversão é solução sim,/ diversão é solução prá mim."

A autora analisa esta canção² como uma relação de busca de prazer nas drogas que gera a angústia, onde haveria, certamente, uma ligação ambígua com as drogas: um misto de aprovação e crítica. É preciso ir mais longe. Parece-me que a própria sensação de angústia e vazio é o motor que leva à busca de emoções nas festas, na vida noturna, nas bebidas e drogas. Mas toda essa agitação da vida noturna não traz as respostas nem a solução para a sensação de vazio ou de solidão. A festa acaba e volta-se para casa sozinho. No dia seguinte tudo pode continuar como sempre. A procura termina, como num círculo vicioso, de novo na angústia. Não é no lado da diversão, das festas, bebidas, sexo e drogas que se encontra a saída para a sensação

1- Depois dos anos de 91 e 92, poderíamos também incluir aqui a MTV.

2- Na página 110, Almerinda cita esta música, mas não na íntegra, só os trechos que ela considera que se referem à angústia relacionada às drogas.

de vazio. Mas este é apenas um exemplo. Cada letra de canção analisada faz referência a inúmeras questões que a autora já apontava em outra letra, por exemplo. Vem, então, uma dúvida. Se fosse feita uma análise mais detalhada de poucas canções - quem sabe as de maior sucesso - , talvez se alcançasse as mesmas características, mas de forma mais articulada.

A escolha das canções é feita com cuidado, mas a interpretação poderia ser mais bem trabalhada. Nas imagens retiradas das canções, há dados contraditórios; primeiro, porque a vida retratada nas canções é cheia de contradições mesmo e, segundo, porque os rockers não formam um grupo coeso com uma identidade clara. O elo de ligação é a música, o seu consumo e os pontos de conexão gerados por este consumo, mas estamos diante de um grupo urbano bastante grande e heterogêneo. Podemos dizer que a maior parcela dos adolescentes dos grandes centros urbanos podem se encaixar no grupo dos rockers. E será que todos pensam - e se comportam - da mesma forma? A própria autora sabe que não, ela mesma diz que "os rockers estão longe de ser um grupo homogêneo com um perfil bem definido, ao contrário, a multiplicidade de estilos é a marca da tribo urbana que se agrega em torno do rock" (pág. 146). Então é preciso ressaltar que dentro das canções há visões de mundo diferentes e nem sempre complementares.

A terceira parte faz uma etnografia "modelo" de um show de rock, como o momento de ritualização e de encontro do grupo estudado. Nesta parte, Almerinda descreve um modelo geral, um show imaginário, como se construísse um "tipo ideal" de show. O evento toma lugar em um grande estádio, com três entre os maiores conjuntos de rock nacional - Titãs, Paralamas do Sucesso e Legião Urbana. Apesar de ser uma etnografia pouco usual, a escolha dos três conjuntos, por exemplo, é excelente, pois nada poderia ser mais paradigmático no atual rock brasileiro do que um show com esses três conjuntos. Nesta parte final, percebe-se como foi importante a proximidade da pesquisadora com o seu tema. Só mesmo quem está próximo

deste universo para perceber e captar bem o "clima" da situação vivida no show de rock - a sensualidade, o torpor gerado pela maconha, a proximidade com a violência, a sensação de calma que vem depois do extremo cansaço de tantas horas de preparação e de show.

Neste momento, a noção de tribo usada pela autora é bem articulada com a etnografia. Este conceito, a partir da definição de Michel Maffesoli e introduzido na apresentação do trabalho como categoria nativa, é utilizado mais enfaticamente para o momento do show, onde se cria uma comunidade emocional weberiana, caracterizada pelo efêmero, pelo cambiante, pela ausência de organização e pela inscrição local. O show de rock é um momento de manifestação dessa comunidade emocional, caracterizada no trabalho de Almerinda por uma relação empática, pela experiência de sentir e vivenciar alguma coisa em comum, mesmo de forma aberta e instável. O show é um momento de efervescência, onde há um grande gasto de energia e uma aproximação momentânea muito forte. É, sem dúvida, o momento de maior emoção dentro do universo estudado. É a situação em que aparece a "existência concreta" desta tribo, é o fator de conexão onde as pessoas, que não formam um grupo na sua vida cotidiana, podem ser vistas em conjunto.

Percebe-se, portanto, vários aspectos da relação do público jovem com o rock - no caso, o rock nacional. Tem-se o contexto do surgimento do rock nacional, a análise das canções que explora a identificação do público com as letras, e o momento do show com a formação efêmera de uma comunidade emocional.

A dissertação *Retratos de uma tribo urbana: Rock brasileiro* pode alargar a compreensão do universo da juventude, pois analisa parte de seu imaginário, fazendo referência ao seu comportamento e explorando temas que poderão ser recorrentes nos futuros trabalhos sobre juventude. A compreensão de um momento ritual como o show de rock pode também apontar para certos tipos de comportamentos dos jovens - por exemplo, o ar de festividade e alegria durante as

manifestações pró-impeachment.

Também considero importante notar o crescimento deste movimento "rocker" no país, principalmente a partir da década de 80 com o "boom" de shows de rock nacional e internacional no país - grandes shows como Rock in Rio, Holywood Rock, shows da Anistia Internacional, a vinda ao Brasil de conjuntos ou cantores internacionais como The Cure, Echo and the Bunnymen, A-ha, Siouxsie and the Banshees, Roxette, Sting, David Bowie, e muitos outros.

Almerinda já aponta toda uma maior politização das letras a partir de meados dos anos 80. Mas, além disso, gostaria de relembrar a politização do rock internacional com os shows da Anistia Internacional e eventos como o "Live Aid", "We are The World" ou "Touche pas mon pote" - shows multinacionais com o intuito de levantar fundos para causas humanitárias ou com a intenção de protestar contra o racismo. Lembrando alguns desses dados, talvez o país não tivesse se espantado tanto com a movimentação política do jovem. Para além dos fatores nacionais, temos a politização do rock internacional - que se tornou intensa nos anos 80 depois de um rock "alienado" nos anos 70 - ao mesmo tempo que este rock teve uma grande entrada no país. Ídolos do mundo do rock como Sting, Peter Gabriel, Sinéad O'Connor, Paul Simon, Tracy Chapman, U2, UB 40, entre outros, fizeram questão de marcar sua atuação próxima a ações políticas de cunho internacional ou local. Temas como racismo (e a libertação de Nelson Mandela na África do Sul), ecologia, demarcação das terras indígenas, legalização do aborto, situação da mulher, desemprego, pobreza, AIDS, foram tratados direta ou indiretamente nas canções ou nos meios de comunicação em geral, principalmente através de entrevistas.

Talvez o jovem, e o "rocker" especialmente, se encontre muito mais próximo de temas com caráter político no âmbito nacional e internacional através do rock. E talvez esse seja um dos fatores que levaram os carapintadas para a rua.